

## A democracia em declínio e o perfil autoritário na América Latina

João Carlos Amoroso Botelho

Universidade Federal de Goiás

Lucas Okado

Universidade Federal de Goiás

Robert Bonifácio

Universidade Federal de Goiás

**Resumo:** Em meio a um debate sobre um declínio da democracia no mundo, com base em dados e argumentos sobre o número de regimes e reversões autoritárias, o estado do conjunto de direitos políticos e civis, a ascensão de movimentos políticos e líderes que ameaçariam liberdades individuais, a insatisfação com a democracia e o apoio a opções autoritárias, o artigo se insere nessa discussão tendo como referência a América Latina. A partir de uma análise descritiva, a primeira conclusão é que a democracia está em declínio na região, já que dados do *Latinobarómetro* e do projeto V-DEM mostram que indicadores como o apoio e a satisfação com o regime, a confiança nas instituições e o *Liberal Democracy Index* voltaram aos piores níveis das respectivas séries históricas. O trabalho passa, então, a investigar o que poderia explicar essa tendência e constrói perfis de comportamento individual em relação à democracia. Entre as variáveis testadas, estão a avaliação da situação econômica, a experiência com corrupção ou violência e a confiança nas instituições. Os dados de opinião pública provêm de rodadas do *Latinobarómetro*. O perfil autoritário é de pessoas jovens, com baixa escolaridade, desconfiadas das instituições e insatisfeitas com a economia. Esses resultados corroboram explicações para o declínio da democracia na América Latina que o vinculam tanto a crises políticas, que alimentam a descrença nas instituições democráticas, quanto a desempenho econômico. A característica de juventude também está em sintonia com o perfil autoritário observado por Foa e Mounk (2016) em democracias de países ocidentais desenvolvidos.

**Palavras-chave:** declínio; democracia; América Latina; opinião pública; comportamento político.

### 1. Introdução

Um debate está em curso no âmbito da Ciência Política quanto a um suposto declínio da democracia no mundo, com base em dados e argumentos sobre o número de regimes e reversões autoritárias, o estado do conjunto de direitos políticos e civis, a ascensão de movimentos políticos e líderes que ameaçariam liberdades individuais, a insatisfação com a democracia e o apoio a opções autoritárias.

A proposta do artigo é se inserir nesse debate tendo como referência a América Latina, onde questões destacadas na discussão sobre o eventual declínio têm sido relevantes, como a ascensão de líderes e forças com discursos e práticas autoritárias e a perda de confiança em atores e instituições do sistema representativo, de casas legislativas a partidos e políticos, o que se alimenta da exposição frequente de escândalos de corrupção e relações de promiscuidade da classe política com o poder econômico.

O debate sobre problemas das democracias existentes e a insatisfação popular com o regime não é novo e passa por idas e vindas. Na versão mais recente, ele era corrente entre autores de abordagem crítica, tomando como base algumas das evidências já mencionadas e outras, e adquiriu ressonância no campo do institucionalismo com a publicação em 2015 da edição comemorativa dos 25 anos do *Journal of Democracy*, sob o título de “Is Democracy in Decline?”.

Na América Latina, depois de cerca de três décadas desde as transições para a democracia em muitos países, dados do *Latinobarómetro* e do projeto *Varieties of Democracy* (V-DEM) mostram que indicadores como o apoio e a satisfação com o regime, a confiança nas instituições e o *Liberal Democracy Index* (LDI) voltaram aos piores níveis das respectivas séries históricas. Com base nesses dados, se pode avaliar que a democracia está em declínio na região.

Ao longo desse período democrático, a América Latina passou por diferentes ciclos, desde a disseminação das reformas econômicas de orientação neoliberal, entre as décadas de 1980 e 1990, os governos de centro-esquerda e suas políticas sociais a partir do fim dos anos 1990 até a ascensão de líderes mais ou menos direitistas em substituição aos de centro-esquerda, de Mauricio Macri, em 2015, na Argentina a Sebastián Piñera, em 2017, no Chile e Jair Bolsonaro, em 2018, no Brasil.

Com o diagnóstico de um declínio da democracia na região, o artigo passa a verificar o que poderia explicar essa tendência e constrói perfis de comportamento individual em

relação ao regime. Para tanto, são utilizadas as rodadas de entrevistas do *Latinobarómetro* em 2002, 2009 e 2016. Esses anos foram selecionados devido à disponibilidade da variável dependente e à coincidência em certa medida com a onda de governos esquerdistas na América Latina, a que o movimento atual de ascensão de líderes direitistas é uma reação, assim como com o início do processo de desconsolidação da democracia em países ocidentais desenvolvidos identificado por Foa e Mounk (2016). Entre as variáveis testadas, estão a avaliação da situação econômica, a experiência com corrupção ou violência e a confiança nas instituições. Os países enfocados são Argentina, Brasil, Bolívia, Chile, Colômbia, Costa Rica, El Salvador, Equador, Guatemala, Honduras, México, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Peru, Uruguai e Venezuela.

A composição do perfil autoritário é de pessoas jovens, com baixa escolaridade, desconfiadas das instituições e insatisfeitas com a economia. Esses resultados corroboram as explicações para o declínio da democracia na América Latina que o vinculam tanto às crises políticas, que alimentam a descrença nas instituições democráticas, quanto ao desempenho econômico. Ademais, a característica de juventude está em sintonia com o perfil autoritário observado por Foa e Mounk (2016) em países ocidentais desenvolvidos.

O tópico seguinte aprofunda a discussão sobre um declínio da democracia no mundo e os fatores que a literatura tem explorado para explicar a satisfação com o regime e sua sustentação, como desenvolvimento humano, nível de democracia, desempenho das políticas públicas, consumo de notícias, situação econômica e desigualdade. Com base em uma análise descritiva de dados para a América Latina, se faz o diagnóstico de que a democracia está em declínio na região, o que leva à construção de hipóteses que poderiam explicar esse resultado. A seguir, os procedimentos metodológicos e a análise estatística são descritos. Por fim, as conclusões são apresentadas.

## **2. Discussão teórica**

As preocupações quanto às democracias existentes foram das transições e das consolidações (O'DONNELL, SCHMITTER & WHITEHEAD, 1986; GUNTHER, DIAMANDOUROS & PUHLE, 1995), características do período imediatamente posterior à Segunda Guerra Mundial e da terceira onda de democratização (HUNTINGTON, 1994), ao enfoque na qualidade, ou qualidades, do regime (DIAMOND & MORLINO, 2004).

Paralelamente, autores como Norris (1999; 2011) e Inglehart e Welzel (2005) têm centrado suas atenções nas atitudes individuais em relação à democracia e constatado que

a convivência com o regime torna os cidadãos mais críticos, assim como que o avanço das condições de vida fomenta valores de auto-expressão, o que favoreceria a tolerância e a democracia. Por outro lado, uma corrente crítica da teoria política (CROUCH, 2004; MOUFFE, 2000; STREECK, 2011) vem traçando cenários de crise no regime com base em paradoxos e problemas no seu funcionamento.

A visão pessimista adquiriu ressonância no campo do institucionalismo por meio da publicação da edição de 25 anos do *Journal of Democracy*. Com alguma dissonância (LEVITSKY & WAY, 2015; SCHMITTER, 2015), os artigos reúnem abordagens e evidências distintas para apontar um declínio em número, desempenho, predomínio geopolítico e atratividade das democracias ao redor do mundo (DIAMOND, 2015; FUKUYAMA, 2015; KAGAN, 2015; PLATNER, 2015).

Foa e Mounk (2016; 2017) vão mais fundo e, com democracias estabelecidas da América do Norte e da Europa como referência, identificam um risco de desconsolidação. Para eles, com base nas edições de 1995 a 2014 do *World Values Survey (WVS)*, os cidadãos não estão só mais críticos dos seus líderes quanto mais cínicos sobre o valor da democracia, menos esperançosos de que possam influenciar as políticas públicas e mais dispostos a apoiar opções autoritárias. Também teria havido uma inversão na opinião das gerações. Se, não há muito tempo, jovens eram mais entusiastas dos valores democráticos do que idosos, hoje, segundo os autores, o respaldo ao radicalismo político é maior entre jovens, enquanto o apoio à liberdade de expressão é menor.

Tendo como referência os mesmos casos e fontes, Foa e Mounk (2016) rejeitam ainda a avaliação de que o apoio crescente a formas autoritárias se concentra entre os sem poder, de meia idade e subempregados. Também há respaldo a opções autoritárias entre jovens e ricos. Nesse segmento, os que aprovam que os militares governem passaram de 6% para 35% entre 1995 e 2011 nos Estados Unidos.

Essas opiniões estariam cada vez mais se refletindo no comportamento eleitoral. Partidos e candidatos que se voltam contra o establishment político, buscam concentrar poder e questionam normas democráticas têm sido exitosos em um grande número de países pelo mundo. Para Foa e Mounk (2017), as democracias consolidadas são estáveis porque seus cidadãos consideram que o regime é legítimo e que as opções autoritárias são inaceitáveis, mas, quando uma minoria significativa já não pensa assim e vota em candidatos antissistema que desprezam elementos constitutivos do regime, se pode dizer que a democracia está se desconsolidando.

Em resposta a Foa e Mounk (2016), Inglehart (2016) argumenta que as tendências identificadas são um efeito do momento pelo qual passam os Estados Unidos, onde a democracia teria se tornado disfuncional, ao passo que a maioria da população teria sentido um declínio da sua renda associado a um aumento da desigualdade. Nessas condições, em que a sobrevivência está em cheque, seria previsível que houvesse um impacto no apoio à democracia. A perspectiva de longo prazo para o regime seria de fato sombria na hipótese de que essas condições se tornem permanentes.

Do diagnóstico de declínio ou desconsolidação da democracia, o debate tem se direcionado para uma tentativa de explicar essa tendência. Mounk (2019) a associa à insatisfação com o regime, que, por sua vez, se alimentaria de uma situação de liberalismo antidemocrático. A ascensão de movimentos e líderes que atentam contra liberdades individuais seria, então, um reflexo da insatisfação popular com regimes que, se por um lado, respeitam o Estado de Direito e protegem minorias, por outro, falham em traduzir as preferências populares em políticas públicas.

As origens dessa falha seriam duas: 1) a atuação de instituições que retiram áreas de política e decisões do controle democrático, cujos principais exemplos são agências burocráticas autônomas, bancos centrais, cortes judiciais e tratados comerciais; e 2) o insulamento dos políticos em relação a quem os elege, em razão do papel crescente do dinheiro na política e do distanciamento entre as experiências pessoais e profissionais dos políticos, assim como as condições de vida, e a situação da maioria dos seus eleitores.

Na avaliação de Howe (2017), a insatisfação com a democracia é insuficiente para explicar a tendência de declínio ou desconsolidação do regime. Segundo ele, o avanço de sentimentos antidemocráticos tem menos a ver com disfunção na arena política do que com mudanças corrosivas que estariam remodelando de forma mais geral o cenário cultural e social. Uma ilustração disso seria que não há diferença significativa nos Estados Unidos entre quem tem mais ou menos confiança nas instituições políticas em relação às opiniões sobre líder forte e governo das Forças Armadas e ao apoio a eleições livres, direitos civis e democracia. Não seria, então, a insatisfação com o funcionamento do regime que explica o ceticismo com a democracia como princípio.

Se, como mostrou Norris (1999), cidadãos críticos podem seguir comprometidos com o regime, não se passaria o mesmo com quem é propenso a aceitar suborno, sonegar impostos, receber benefícios direcionados a outros e evitar multas. Segundo Howe (2017),

aqueles que veem menos problemas com essas atitudes são mais favoráveis a líder forte e governo das Forças Armadas e apoiam menos eleições livres, direitos civis e democracia. A indiferença em relação ao regime, então, se entrelaçaria com uma gama ampla de atitudes antissociais e autointeressadas. A avaliação de que essas atitudes são justificáveis é maior entre os jovens e vai crescendo nesse segmento com o passar do tempo. Tudo isso poderia ser relacionado ao individualismo crescente das gerações mais jovens.

Por outro lado, Norris e Inglehart (2019) sustentam que a ascensão de movimentos e líderes que atentam contra liberdades individuais é a conversão em votos de uma reação ao que chamam de revolução silenciosa. Transformações de longo prazo desde o Pós-Guerra nas sociedades ocidentais desenvolvidas teriam melhorado as condições de vida e levado a uma revolução nos valores culturais, em que o instituto de sobrevivência teria cedido lugar à auto-expressão, na forma de valores pós-materialistas, sobretudo para as novas gerações. Ao notar a perda de espaço, grupos sociais que preservam valores conservadores teriam reagido, também confrontados com dificuldades econômicas e crescimento da diversidade social, e se aproveitado do interesse menor dos jovens em votar, elegendo representantes que canalizam esses temores por meio de uma narrativa de “nós” contra “eles”.

Segundo Norris e Inglehart, os grupos em que valores conservadores continuam fortes são nascidos no período entre guerras, pessoas sem nível universitário, classe operária, as/os mais religiosos, brancos, homens e residentes em zonas rurais. Porém, conforme esses grupos sejam substituídos pelas novas gerações com nível universitário e residentes em metrópoles etnicamente diversas, a tendência é que os efeitos eleitorais da sua reação cultural se desvançam.

Como se pode notar, há uma clara discrepância entre autores como Foa e Mounk, e Rowe, por um lado, e Norris e Inglehart, por outro, sobre a relação das atitudes e opiniões das gerações mais jovens com problemas das democracias na atualidade e a ascensão de movimentos e líderes que atentam contra liberdades individuais. Enquanto para os primeiros, o apoio ao radicalismo político e a atitudes antissociais e autointeressadas é maior entre jovens, assim como o respaldo à liberdade de expressão é menor, opiniões que esses autores associam aos problemas da democracia, para os segundos, as gerações mais jovens estão à frente tanto na transformação dos valores que estimula uma reação conservadora quanto na resistência a essa reação.

Norris (2011) considera que a explicação para a disparidade entre as aspirações dos cidadãos por democracia e suas percepções sobre o funcionamento do regime, o que ela

define como déficit democrático, é uma combinação de expectativas crescentes sobre a democracia, preocupações quanto ao seu desempenho e notícias negativas. Segundo ela, porém, o mais comum na literatura são explicações que enfatizam diferentes fatores de maneira isolada. Essas explicações podem ser divididas conforme o âmbito que enfocam, demanda, oferta ou as intermediárias.

No primeiro caso, estão teorias como as de Inglehart e Welzel (2005), segundo a qual o crescimento das aspirações por democracia se deve a processos de desenvolvimento humano, levando a que, nas sociedades desenvolvidas, o endosso a valores democráticos seja maior, especialmente entre jovens; e de Putnam (1995 e 2000), para quem confiança interpessoal e associativismo estimulam governos democráticos a se desempenhar melhor, o que, por sua vez, tornaria os cidadãos mais satisfeitos com o regime.

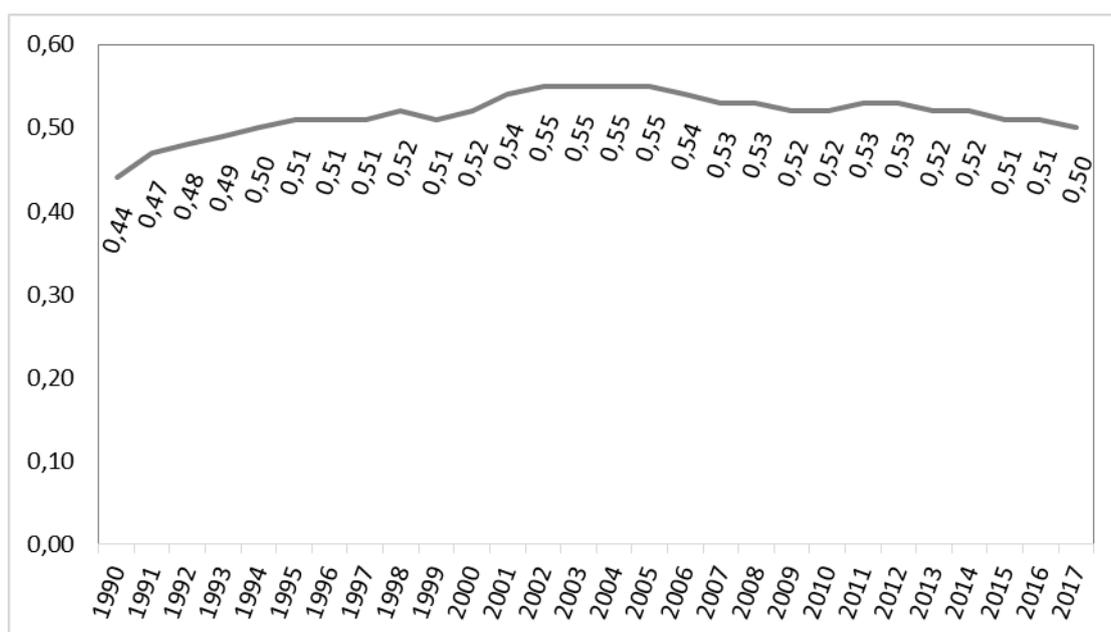
Como teorias que se centram no lado da oferta, Norris (2011) relaciona as que miram o processo democrático e sua qualidade; a capacidade dos governos de oferecer serviços e o desempenho das políticas públicas; ou os arranjos institucionais, especialmente os que se referem à divisão de poder, para explicar a insatisfação popular. Entre demanda e oferta, há teorias intermediárias, que enfatizam o papel da comunicação no aprendizado sobre a democracia, ajudando a preservar tradições políticas (teorias cognitivas), e na avaliação do regime, entendendo que as notícias, como as coberturas de casos de corrupção, modelam as percepções do público sobre o desempenho democrático (teorias de *priming* e *framing*).

Da literatura sobre a sustentação da democracia, também há explicações que podem ser consideradas, já que, como parte do nexo causal pelo qual incidem sobre a manutenção do regime, os fatores apontados teriam efeito sobre a satisfação com a democracia. Para Prezworski et al. (2000), o desenvolvimento econômico favorece a sustentação do regime. Boix (2003) chama a atenção para outro fator, a desigualdade, pois a distribuição de renda seria uma fonte de conflitos que podem minar a democracia. Assim, há uma gama ampla de variáveis que podem ser extraídas para tentar explicar, seja a partir do nível individual ou do agregado, o comportamento individual em relação ao regime.

### **3. Análise descritiva**

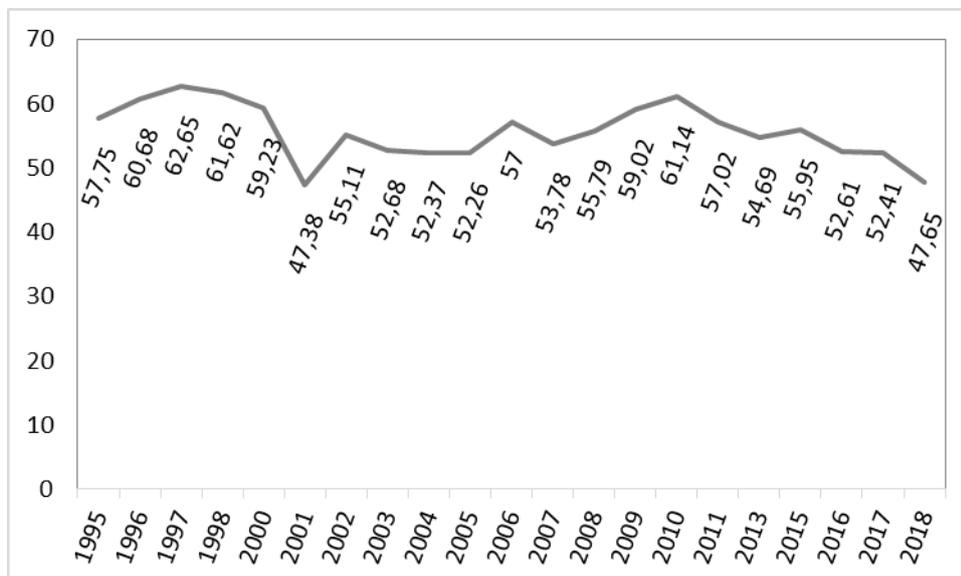
Após cerca de três décadas desde as transições para a democracia em muitos países latino-americanos, dados do V-DEM e do *Latinobarómetro* mostram que indicadores como LDI, apoio e satisfação com o regime e confiança nas instituições voltaram aos piores níveis das respectivas séries históricas. Esses indicadores, com variações nas perguntas selecionadas e nas fontes, são alguns dos que a literatura considera para fazer a avaliação sobre um declínio democrático. Começando pelo LDI, que congrega os princípios eleitoral e liberal da democracia, com cinco componentes para o primeiro e três para o segundo e um total de 69 indicadores, o valor médio para os 17 países considerados foi de 0,50 em 2017, em uma escala que vai de 0, a pior situação, a 1, a melhor (ver gráfico 1). Esse foi o mesmo valor de 1994 e só supera os registrados entre 1990 e 1993, quando as transições para a democracia ainda estavam se completando na América Latina. A variação entre os países em 2017 foi grande, de 0,12 para Nicarágua e Venezuela a 0,83 para a Costa Rica.

**Gráfico 1 - Liberal Democracy Index (LDI) na média regional, 1990-2017**



Fonte: Elaboração própria com base no projeto V-DEM (<https://www.v-dem.net/>)

No caso do apoio à democracia, a série histórica do *Latinobarómetro* começa em 1995. O ponto mais baixo dela foi em 2001, com 47,38% que responderam, na média regional, que a democracia é preferível a qualquer outra forma de governo, enquanto o pico foi em 1997, com 62,65% (ver gráfico 2). Na última pesquisa, relativa a 2018, foram 47,65%, o segundo pior valor do período. Os percentuais de 2001 e 2018 são os únicos abaixo dos 50%. A variação entre os países em 2018 foi de 28% em El Salvador e Guatemala a 75% na Venezuela. O apoio à democracia entre os venezuelanos contrasta com a situação do país no LDI, que é a pior entre os 17 casos considerados aqui, juntamente com a Nicarágua.

**Gráfico 2 - Apoio à democracia na média regional, 1995-2018**

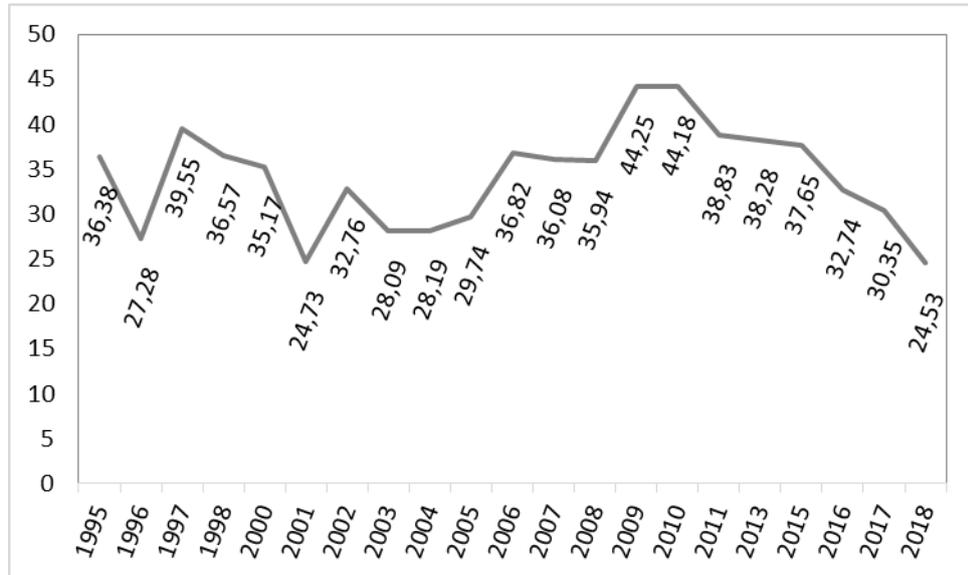
\* A pergunta é: ¿Con cuál de las siguientes frases está Ud. más de acuerdo?: La democracia es preferible a cualquier otra forma de gobierno. En algunas circunstancias, un gobierno autoritario puede ser preferible a uno democrático. A la gente como uno, nos da lo mismo un régimen democrático que uno no democrático.

\* Aquí só “La democracia es preferible a cualquier otra forma de gobierno”.

Fonte: Elaboração própria a partir do *Latinobarómetro* (<http://www.latinobarometro.org/lat.jsp>)

A satisfação com a democracia teve uma trajetória semelhante à do apoio ao regime na série histórica, que também começa em 1995. O percentual somado de “muito satisfeito” e “mais bem satisfeito” em 2018 foi de 24,53%, o menor valor no período (ver gráfico 3). O mais próximo disso havia sido em 2001, com 24,73%. Os índices de 2001 e 2018 foram os únicos abaixo dos 25%. O pico da série histórica foi registrado em 2009, com 44,25%. Assim como no caso do apoio à democracia, a variação entre os países em 2018 foi grande, indo de 9% no Brasil a 47% no Uruguai.

**Gráfico 3 - Satisfação com a democracia na média regional, 1995-2018**



\* A pergunta é: En general, ¿diría Ud. que está muy satisfecho, más bien satisfecho, no muy satisfecho o nada satisfecho con el funcionamiento de la democracia en (país)?

\* Aqui só “Muy satisfecho” mais “Más bien satisfecho”.

Fonte: Elaboração própria a partir do *Latinobarómetro* (<http://www.latinobarometro.org/lat.jsp>)

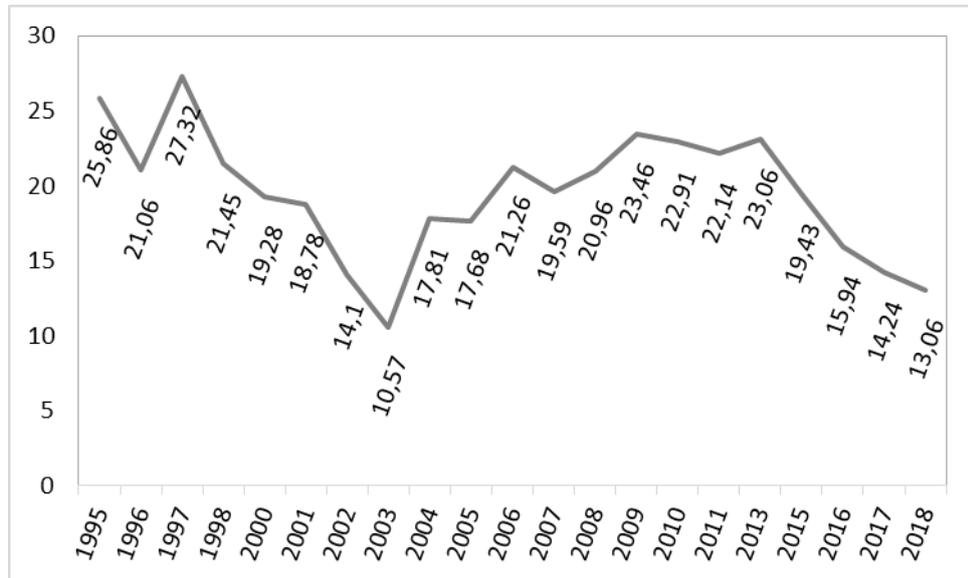
A confiança da população nas instituições da democracia representativa é outra dimensão em que o declínio é evidente. Partidos políticos, Poder Legislativo e governos voltaram em 2018 aos patamares mais baixos de confiança nas respectivas séries históricas, que também se iniciam em 1995 (ver gráficos 4, 5 e 6). O percentual somado de “muita” e “alguma” confiança nos partidos foi de 13,06% na média regional, o que só supera o valor registrado em 2003, de 10,57%. O maior índice do período foi de 27,32%, em 1997. Na variação entre os países em 2018, a soma de “muita” e “alguma” confiança nos partidos foi de 6% em Brasil e El Salvador a 21% em Paraguai e Uruguai.

Em relação ao Poder Legislativo, a situação foi a mesma: os 20,71% de “muita” ou “alguma” confiança registrados em 2018 foram o segundo pior valor da série histórica, só superando os 16,36% de 2003. O pico dessa série foi em 1995, com 37,16%. Entre os 17 países enfocados, o Peru, onde um presidente renunciou em 2018 para evitar a destituição pelo Legislativo, foi o que teve a pior avaliação desse poder, com 8% de “muita” ou “alguma” confiança, contra os 33% no Uruguai.

A confiança no governo foi a que chegou ao pior valor da série histórica em 2018, de 22,18% na média regional. Os índices de 2003, em 23,40%, e 2018 foram os únicos abaixo dos 25%. A série teve seu pico em 2010, com 45,68%. A menor soma de “muita” e “alguma” confiança no governo em 2018 foi a de 7% no Brasil, que também teve o menor índice para

os partidos, juntamente com El Salvador. O Uruguai foi onde o governo inspirou a maior confiança na população, com 39%, repetindo o desempenho que os partidos e o Legislativo uruguaios tiveram na comparação com as contrapartes latino-americanas.

**Gráfico 4** - Confiança nos partidos políticos na média regional, 1995-2018



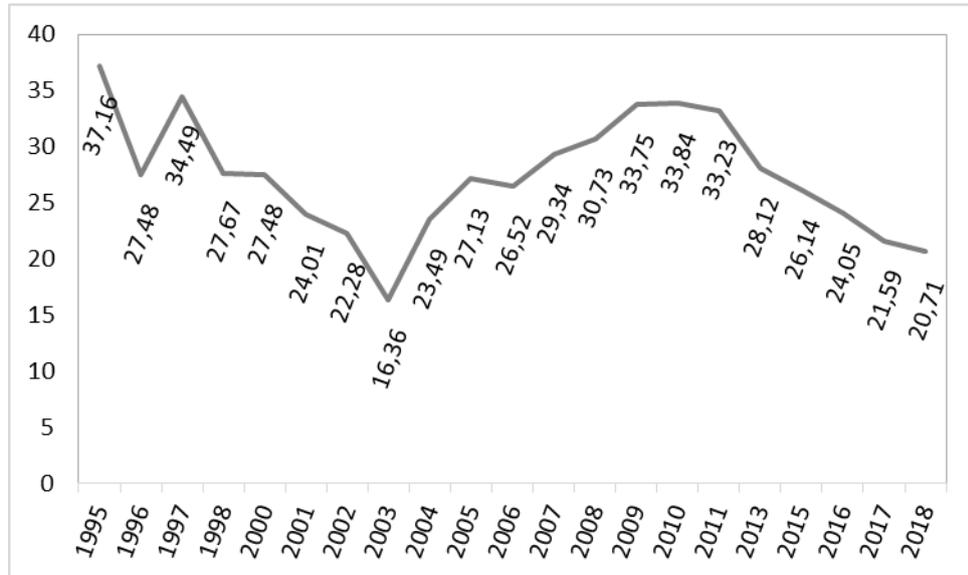
\* A pergunta é: Por favor, mire esta tarjeta y dígame, para cada uno de los grupos/instituciones o personas mencionadas en la lista. ¿Cuánta confianza tiene usted en ellas:

Mucha, Algo, Poco o Ninguna confianza en...?

\* Aqui só “Los Partidos Políticos” e “Mucha” mais “Algo”.

Fonte: Elaboração própria a partir do *Latinobarómetro* (<http://www.latinobarometro.org/lat.jsp>)

**Gráfico 5** - Confiança no Poder Legislativo na média regional, 1995-2018



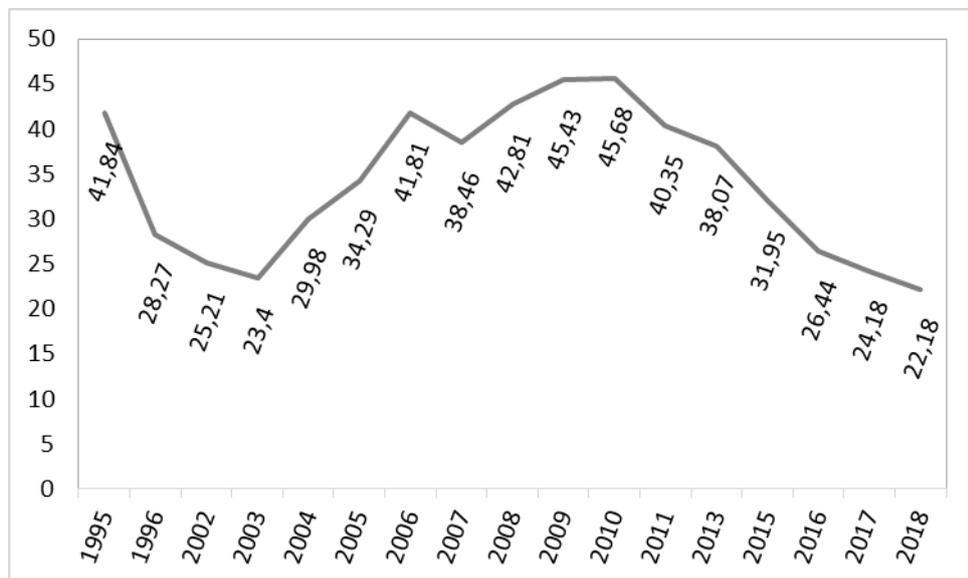
\* A pergunta é: Por favor, mire esta tarjeta y dígame, para cada uno de los grupos/instituciones o personas mencionadas en la lista. ¿Cuánta confianza tiene usted en ellas:

Mucha, Algo, Poco o Ninguna confianza en...?

\* Aqui só “El Congreso Nacional/Parlamento” e “Mucha” mais “Algo”.

Fonte: Elaboração própria a partir do *Latinobarómetro* (<http://www.latinobarometro.org/lat.jsp>)

**Gráfico 6 - Confianza no governo na média regional, 1995-2018**



\* A pregunta é: Por favor, mire esta tarjeta y dígame, para cada uno de los grupos/instituciones o personas mencionadas en la lista. ¿Cuánta confianza tiene usted en ellas:

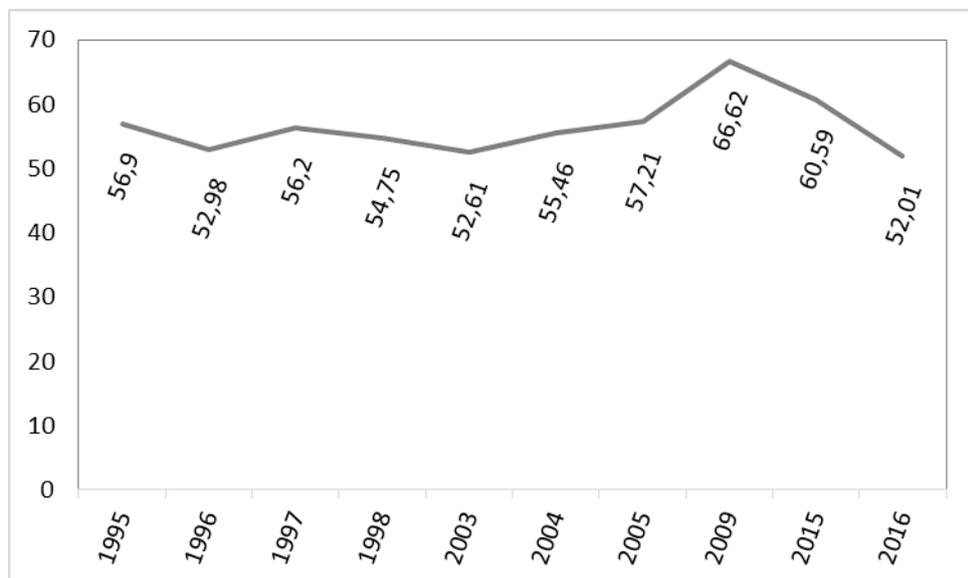
Mucha, Algo, Poco o Ninguna confianza en...?

\* Aqui só “El Gobierno” e “Mucha” mais “Algo”.

Fonte: Elaboração própria a partir do *Latinobarómetro* (<http://www.latinobarometro.org/lat.jsp>)

A importância de votar é mais um indicador em que a situação no último ano para o qual há dado disponível foi a pior da série histórica. Esse indicador é relevante porque ajuda a estimar o quanto se valoriza o voto como um instrumento da mudança social. A série nesse caso tem menos pontos, já que os intervalos de um ano a outro em que se fez a pergunta são maiores, e vai até 2016. Naquele ano, os 52,01% que responderam na média regional que “a maneira como alguém vota pode fazer com que as coisas sejam melhores no futuro” foram o menor valor da série histórica, iniciada em 1995 (ver gráfico 7). Só houve mais um ano com percentual abaixo dos 53%, que foi 1996, com 52,98%. O pico de 66,62% foi registrado em 2009. A variação entre os países em 2016 foi grande, desde os 36,50% em Honduras aos 78,70% na Venezuela.

**Gráfico 7 - Importância do voto na média regional, 1995-2016**



\* A pergunta é: Algunas personas dicen que la manera como uno vota puede hacer que las cosas sean diferentes en el futuro. Otros dicen que independientemente de cómo vote, no hará que las cosas sean mejor en el futuro. ¿Cuál frase está más cerca de su manera de pensar?

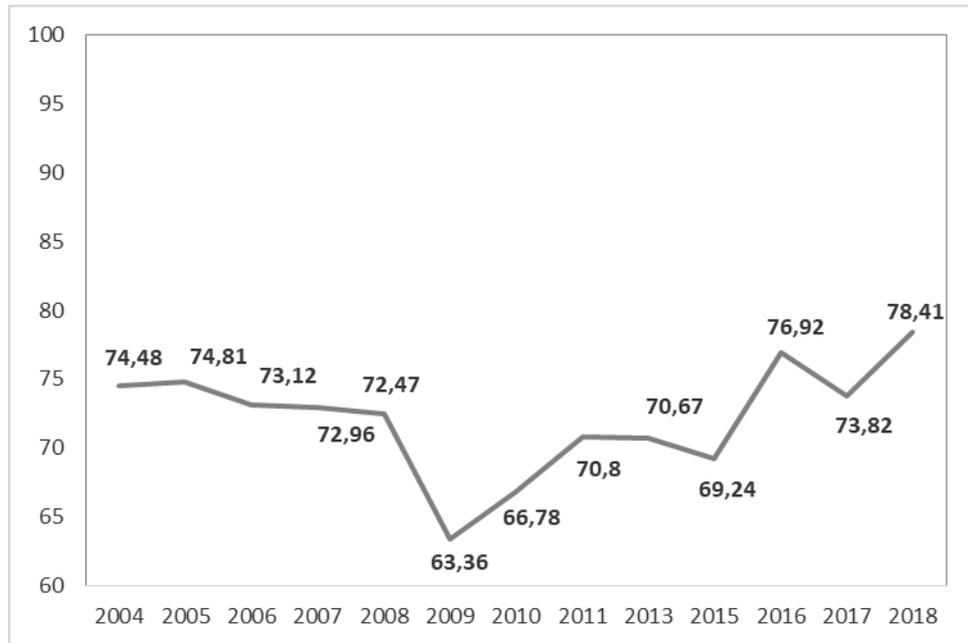
\* Aqui só “La manera como uno vota puede hacer que las cosas sean mejores en el futuro”.

Fonte: Elaboração própria a partir do *Latinobarómetro* (<http://www.latinobarometro.org/lat.jsp>)

Há ainda um indicador que é ilustrativo do cenário atual na América Latina, em que relações de promiscuidade entre os poderes econômico e político são expostas em escândalos de corrupção. A pergunta, incluída desde 2004 nas rodadas de entrevistas do *Latinobarómetro*, apura a opinião sobre se o país é governado por grupos poderosos no seu próprio benefício ou para o bem de toda a população. O percentual de quem escolheu a primeira opção em 2018 foi o maior da série histórica, chegando a 78,41% (ver gráfico 8). Foi a primeira vez que superou os 78%, depois de ter atingido seu ponto mais baixo em

2009, com 63,36%. Na variação entre os países em 2018, se foi de 60% na Bolívia que consideram que o país é governado por grupos poderosos no seu próprio benefício a 90% no Brasil.

**Gráfico 8** - Governo de poderosos na média regional, 2004-2018



\* A pergunta é: “En términos generales ¿diría usted que (país) está gobernado por unos cuantos grupos poderosos en su propio beneficio, o que está gobernado para el bien de todo el pueblo?”

\* Aqui só “Grupos poderosos en su propio beneficio”.

Fonte: Elaboração própria a partir do *Latinobarómetro* (<http://www.latinobarometro.org/lat.jsp>)

Acusações de corrupção ou desvio de conduta, com mais ou menos comprovação e apego às regras conforme o caso, levaram a destituição ou renúncia de quatro presidentes latino-americanos nos anos 2010, que foram Fernando Lugo, em 2012, no Paraguai; Otto Pérez Molina, em 2015, na Guatemala; Dilma Rousseff, em 2016, no Brasil; e Pedro Pablo Kuczynski, em 2018, no Peru. Esses acontecimentos se refletem nas avaliações sobre o sistema político e nas preocupações da população. No *Latinobarómetro* de 2018, situação política e corrupção estão entre os cinco problemas mais importantes do país mencionados pelos respondentes, na média regional, antecidos por segurança pública, desemprego e situação econômica<sup>1</sup>. Os percentuais somados de situação política e corrupção só ficam atrás da segurança pública entre os problemas mais importantes. Considerando a corrupção isoladamente, ela aparece como o principal problema na Colômbia e como o segundo em Bolívia, Brasil, México, Paraguai e Peru.

<sup>1</sup> Disponível em: <<http://www.latinobarometro.org/lat.jsp>>. Último acesso em: 20.dez.2018.

Para sobreviver a condições adversas, a democracia teve de se domesticar na América Latina (SMITH, 2005). Essa versão domesticada significou que a democracia foi adquirindo capacidade de se sustentar na medida em que a punição de violações aos direitos humanos ocorridas nos regimes prévios e a introdução de reformas que pudessem afetar interesses poderosos foram limitadas inicialmente (LEVINE & MOLINA, 2007). Aos poucos, diferentes governos propiciaram estabilização econômica e redução de pobreza e desigualdade, alimentando as expectativas da população. Porém, a realidade atual das democracias latino-americanas tem frustrado essas expectativas, alargando a brecha entre ideal e real, mas sem implicar ainda a troca de regime.

Considerando a gama de explicações possíveis identificadas na literatura e o cenário atual das democracias latino-americanas, podem ser formuladas ao menos três hipóteses para explicar o declínio do regime na região. 1) As crises políticas estimulam a descrença em atores e instituições da democracia representativa, de câmaras legislativas a partidos e políticos, frequentemente envolvidos em escândalos de corrupção e flagrados em relações de promiscuidade com o poder econômico, e culminam em instabilidade de governos e destituição ou renúncia de presidentes. 2) O desempenho econômico tem sido insuficiente, ainda que passe por períodos de crescimento acelerado em alguns países, para levar a uma distribuição sustentável de renda, sobretudo com a adoção de programas de ajuste que limitam os investimentos e gastos sociais dos governos a partir da segunda metade dos anos 2010. 3) As políticas em benefício de minorias promovidas por diferentes governantes, aliadas a dificuldades econômicas recentes e à diversificação de espaços sociais até então restritos a certos grupos, estimularam uma reação conservadora que tem se convertido no apoio a movimentos e líderes que, em maior ou menor medida, geram riscos à democracia. Tais eventos, isoladamente ou em conjunto, afetariam a crença na democracia como o melhor sistema e a avaliação sobre seu funcionamento, reduzindo a qualidade dos regimes existentes e criando espaço para que soluções autoritárias se tornem aceitáveis aos olhos da população e dos atores políticos.

#### **4. Metodologia**

Para testar as hipóteses de trabalho, foram utilizados dados do *Latinobarómetro* referentes a 2002, 2009 e 2016. Esses anos foram selecionados por dois motivos: 1) a variável dependente está disponível para eles; 2) coincidem com a “virada à esquerda” ou “onda rosa”, caracterizada pela difusão de governos esquerdistas na América Latina (LEVITSKY & ROBERTS, 2011; REMMER, 2012), e com o início do movimento atual de

reação, na forma da ascensão de líderes direitistas, assim como com o início do processo de desconstrução da democracia em países ocidentais desenvolvidos que foi descrito por Foa e Mounk (2016). Espera-se por meio deste recorte identificar variáveis que foram responsáveis ao longo do tempo por reduzir a adesão à democracia na região. A tabela 1 apresenta a frequência dos casos pelo ano em que as pesquisas foram realizadas.

**Tabela 1 - Seleção de casos**

País	Ano do <i>survey</i> (N)		
	2002	2009	2016
Argentina	1200	1200	1200
Bolívia	1242	1200	1200
Brasil	1000	1204	1204
Chile	1196	1200	1200
Colômbia	1200	1200	1200
Costa Rica	1006	1000	1000
El Salvador	1014	1000	1000
Equador	1200	1200	1200
Guatemala	1000	1000	1000
Honduras	1004	1000	1000
México	1210	1200	1200
Nicarágua	1016	1000	1000
Panamá	1010	1000	1000
Paraguai	600	1200	1200
Peru	1224	1200	1200
Uruguai	1200	1200	1200
Venezuela	1200	1200	1200
Total (N)	18522	19204	19204

Fonte: Elaboração própria com base em *Latinobarómetro*

A variável dependente se baseia na tipologia empregada por Moisés (2008), que definiu três perfis de adesão à democracia: democratas, ambivalentes e autoritários. Esses perfis foram construídos pela junção de duas perguntas que são comumente incluídas em

pesquisas como o *Latinobarómetro*. A primeira indaga ao entrevistado se concorda com a afirmação de que a democracia é o melhor sistema de governo, enquanto a segunda é a pergunta com que se avalia a adesão ao regime. A tabela 2 detalha os três perfis.

**Tabela 2** - Perfis de adesão à democracia

	“A democracia pode ter problemas, mas é o melhor sistema de governo”	
	Concordam	Discordam
“A democracia é preferível a qualquer outra forma de governo”	Democratas	Ambivalentes
“Para mim, tanto faz um regime democrático ou autoritário”	Ambivalentes	Ambivalentes
“Em algumas circunstâncias, um governo autoritário pode ser melhor”	Ambivalentes	Autoritários

Fonte: Elaboração própria com base em Moisés (2008), p. 36

Como variáveis independentes, foram utilizados quatro conjuntos delas. O primeiro se refere à situação econômica e se compõe de três variáveis: satisfação econômica atual, salário subjetivo e preocupação com o desemprego. Essas medidas visam identificar se o declínio da democracia na América Latina está relacionado com a situação econômica. Para a teoria da modernização, o desenvolvimento econômico tem o potencial de promover a democratização (DIAMOND et al., 1989) ou de manter estáveis as democracias existentes, ainda que a América Latina represente um caso excepcional (PRZEWORSKI & LIMONGI, 1997; MAINWARING & PÉREZ-LIÑÁN, 2004). A expectativa é que a percepção de uma degradação do ambiente econômico ocasione perda de apoio à democracia na região.

O segundo conjunto de variáveis se refere ao desempenho político-administrativo. Governos íntegros e capazes de pacificar os conflitos sociais tenderiam a ser mais bem avaliados (BARRY, 1978). Para mensurar isso, foram utilizadas duas variáveis, que verificam se pessoas próximas à/ao entrevistado vivenciaram alguma experiência de violência nos últimos doze meses e se o próprio indivíduo ou algum parente ficou sabendo de ato de corrupção no mesmo período. A expectativa é que a experiência com corrupção e/ou violência aumente a propensão a aceitar um regime autoritário como meio de resolução desses problemas.

A confiança nas instituições democráticas compõe o terceiro grupo de variáveis. Medidas clássicas dos estudos culturalistas, elas são internalizadas durante o processo de socialização política e atuam no sentido de mediar a relação dos indivíduos com a vida pública (MOISÉS, 2008). Indivíduos que têm maior confiança nas instituições democráticas tenderiam a ser mais satisfeitos com o funcionamento do regime e, por consequência, apoiá-lo em detrimento de outros tipos de governo. Variáveis que mensuram a confiança no Congresso, no Poder Judiciário e nos partidos políticos, três das principais instituições democráticas, foram agrupadas por meio de somatória, resultando em uma escala de dez pontos que varia de 3 a 12 e cujo coeficiente alfa de Cronbach é 0,76.

Por fim, foram inseridas nos modelos variáveis socioeconômicas como forma de controle, que são sexo, idade e escolaridade. As informações metodológicas sobre o *script* utilizado na realização das análises, os níveis de mensuração das variáveis e a distribuição de frequência das mesmas estão disponíveis para consulta.

Foram construídos três modelos logísticos multinomiais representando os cortes temporais que o trabalho se propõe a analisar. Essa ferramenta é adequada para analisar variáveis categóricas não ordenadas, uma vez que estima as razões de chance de que os eventos B ou C ocorram em detrimento do evento A (HAIR JR. et al., 2010). Dessa forma, os modelos descrevem quais as chances de um indivíduo ser ambivalente ou autoritário quando comparado com democratas, que foram definidos como a categoria de referência. Como o objetivo é identificar as causas do declínio da democracia na América Latina, os dados são tratados de forma agrupada, sem distinção por país neste primeiro momento. A próxima seção discute os resultados dos modelos.

## **5. Análise estatística**

A tabela 3 descreve os resultados dos modelos para 2002, 2009 e 2016. Quanto ao primeiro conjunto de variáveis, de natureza econômica, todas elas em algum momento se mostraram significativas, mas sem apresentar um padrão claro para todos os anos. A satisfação com a situação econômica atual não apresenta coeficientes significativos em 2002, mas passa a ter resultados coerentes nos anos subsequentes. Tanto para 2009 quanto para 2016, estar satisfeito com a economia aumenta as chances de ser ambivalente em relação à democracia. Para cada ponto da escala há um incremento de 29% e 55% nas razões de chance, respectivamente, de apresentar este perfil quando comparado com os democratas. Por outro lado, a satisfação com a economia produz um efeito negativo sobre

os autoritários, dado que para cada ponto da escala há uma redução na probabilidade de ser autoritário de 35% em 2009 e 27% em 2016.

**Tabela 3 - Determinantes do democratismo na América Latina**

Perfil	2002		2009		2016	
	Exp(b)	Exp(b)	Exp(b)	Exp(b)	Exp(b)	Exp(b)
	(E. pa)	(E. pa)	(E. pa)	(E. pa)	(E. pa)	(E. pa)
	Amb.	Aut.	Amb.	Aut.	Amb.	Aut.
Intercepto	11,68***	3,82***	0,3***	5,25***	0,29***	6,6***
	(0,25)	(0,25)	(0,16)	(0,13)	(0,17)	(0,13)
Sat. economia atual	1,00	0,98	1,29***	0,65***	1,55***	0,73***
	(0,06)	(0,06)	(0,38)	(0,032)	(0,04)	(0,03)
Conf. institucional	1,04*	1,15***	1,06***	0,87***	1,06***	0,84***
	(0,02)	(0,02)	(0,012)	(0,01)	(0,01)	(0,01)
Preoc. desemprego	0,98	1,02	0,93***	0,95***	0,93**	0,97
	(0,04)	(0,02)	(0,02)	(0,02)	(0,02)	(0,01)
Exp. Violência	0,91	0,98	1,17**	1,06	0,98	1,08
	(0,08)	(0,08)	(0,05)	(0,04)	(0,06)	(0,04)
Exp. Corrupção	1,01	0,97	0,97	1,11	0,87	0,92
	(0,09)	(0,09)	(0,08)	(0,06)	(0,08)	(0,05)
Sal. Subjetivo	0,85*	0,92	0,95	0,82***	0,99	0,95*
	(0,05)	(0,05)	(0,03)	(0,03)	(0,04)	(0,03)
Sexo	1,04	0,96	0,96	1,03	1,006	1,12**
	(0,08)	(0,08)	(0,06)	(0,04)	(0,06)	(0,04)
Idade	0,99	1,01**	0,99***	0,99***	0,98***	0,99***
	(0,003)	(0,003)	(0,002)	(0,001)	(0,002)	(0,001)
Escolaridade	0,96***	0,99	0,93***	0,97***	0,91***	0,94***
	(0,01)	(0,01)	(0,007)	(0,005)	(0,007)	(0,005)
AIC	19068,67		22763,42		23017,88	

Fonte: Elaboração própria com base em *Latinobarómetro*

\*\*\* =  $p < 0,001$ . \*\* =  $p < 0,01$ . \* =  $p < 0,05$

Tal resultado indica que ser um democrata não está necessariamente relacionado com a avaliação da situação econômica vivenciada. Segundo as teses culturalistas, a adesão à democracia se dá durante a socialização por meio de um conjunto de processos de aprendizado e vivência de experiências democráticas, que internalizam o apoio ao regime (ALMOND & VERBA, 1963). Os resultados apresentados na tabela 2 se alinham com estas proposições, já que não há uma relação entre avaliar positivamente a situação econômica e ser democrata.

Por outro lado, para aqueles que têm menos vivência com a democracia, a economia faz a diferença. Quanto maior é a satisfação com a situação econômica atual, maior é a probabilidade de demonstrar comportamento ambivalente. Se a adesão à democracia é obtida por meio de outros processos alheios às questões econômicas, para o cidadão satisfeito com os rumos da economia, o regime democrático se mostra indiferente ou é preferível só em determinadas situações. Porém, se a economia vai mal, com a inexistência de um estoque de democratismo em uma parcela da população, esta tende a apoiar saídas autoritárias para a resolução dos seus problemas.

Ainda sobre as questões econômicas, a preocupação em ficar desempregado nos próximos meses não demonstra um padrão claro. Para 2009, essa variável se mostrou significativa, tanto em prever o posicionamento ambivalente quanto o autoritário. Há uma redução de 7% e 5%, respectivamente, nas chances de apresentar estes perfis. Para 2016, só os ambivalentes são afetados, com uma redução de 7% na probabilidade de alguém que está preocupado com o desemprego se enquadrar neste perfil. Como são uma parcela da população com maiores níveis educacionais, as/os democratas tendem a ter uma situação melhor no mercado de trabalho e a estar menos expostos à insegurança laboral.

Fechando o bloco das variáveis econômicas, o salário subjetivo, que mensura se os ganhos são suficientes para arcar com as despesas mensais, também não demonstra um padrão nos três anos analisados. Para 2002, ele gera um efeito redutor de 15% nas razões de chance de a/o entrevistado se enquadrar como ambivalente. Em relação às pesquisas dos anos seguintes, o efeito passa a ser produzido no perfil autoritário, na ordem de 18% e 5%, respectivamente, para 2009 e 2016.

Passando ao próximo bloco de variáveis, a experiência com corrupção ou violência não produz, para nenhum ano, efeitos significativos sobre nenhum dos perfis. Duas interpretações para esse resultado podem ser formuladas como hipóteses. A primeira é que,

de fato, tais experiências não teriam a capacidade de afetar a adesão à democracia, uma vez que esta dependeria de outros processos. Outra interpretação, mais plausível, é que, como corrupção e violência são problemas endêmicos na região, sua vivência configuraria a normalidade, uma vez que foram internalizadas no processo de socialização como situações cotidianas. A relação entre experiência com corrupção ou violência e adesão à democracia ainda precisa ser investigada mais detalhadamente.

O índice de confiança nas instituições apresentou coeficientes significantes para os três anos. Em relação a 2002, há um efeito positivo de 4% e 15% nas razões de chance de se apresentar perfil ambivalente e autoritário, respectivamente. A partir de 2009, essa variável só afeta positivamente o perfil ambivalente, com um aumento de 6% para aquele ano e 2016. Quanto às/aos autoritários, a confiança institucional produz efeitos negativos ao prever esse perfil na ordem de 13% para 2009 e 16% para 2016.

Em 2002, muitos países da América Latina ainda tinham menos de duas décadas de experiência democrática desde a volta do regime. Por conta disso, a vivência com seus processos e práticas ainda estava em maturação, o que pode explicar os efeitos positivos da confiança institucional para os perfis ambivalente e autoritário. Com a sucessão de eleições, a democracia se incorpora ao cotidiano, bem como aumentam as expectativas cidadãs em relação à ela. Assim, as/os democratas se tornariam mais críticos das instituições democráticas e exigentes quanto ao seu desempenho (NORRIS, 2011; WELZEL & DALTON, 2014), o que explicaria o efeito positivo da confiança institucional para o perfil ambivalente e o negativo para o autoritário.

Por fim, no caso das variáveis socioeconômicas, a educação se mostrou significativa para prever os perfis ambivalente e autoritário, produzindo efeitos negativos em ambos, tal como preconiza a teoria. Um achado interessante é em relação à idade, já que são os mais jovens que se enquadram nos perfis não democráticos, assim como foi observado por Foa e Mounk (2016) para os países em que identificam uma desconsolidação da democracia.

No geral, o perfil autoritário se compõe de pessoas jovens, com baixa escolaridade, desconfiadas das instituições e insatisfeitas com a economia. A experiência pessoal ou familiar com corrupção ou violência não produziu efeitos significativos para nenhum dos perfis. Esses resultados corroboram as linhas de explicação para o declínio da democracia na América Latina que o vinculam tanto às crises políticas, que alimentam a descrença nas instituições democráticas, quanto ao desempenho econômico. Ademais, o achado sobre a

juventude está em sintonia com o perfil autoritário observado por Foa e Mounk (2016) em países ocidentais desenvolvidos.

## **6. Considerações finais**

O tema de um declínio da democracia no mundo, com base em dados e argumentos sobre o número de regimes e reversões autoritárias, o estado do conjunto de direitos políticos e civis, a ascensão de movimentos políticos e líderes que ameaçariam liberdades individuais, a insatisfação com a democracia e o apoio a opções autoritárias, está em debate na Ciência Política. Este trabalho o abordou tendo a América Latina como referência e, a partir da análise das séries históricas de indicadores como o apoio e a satisfação com o regime, a confiança nas instituições e o LDI, concluiu que há um declínio da democracia na região, já que todos esses indicadores voltaram aos seus piores níveis.

Foram elaborados, então, modelos logísticos multinomiais representando os cortes temporais analisados no trabalho, para descrever quais as chances de um indivíduo ser ambivalente ou autoritário quando comparado com democratas, que foram definidos como a categoria de referência. Variáveis como avaliação da situação econômica, experiência com corrupção ou violência e confiança nas instituições foram testadas.

Os resultados mostram que o perfil autoritário se compõe de pessoas jovens, com baixa escolaridade, desconfiadas das instituições e insatisfeitas com a economia e corroboram as linhas de explicação para o declínio da democracia na América Latina que o vinculam tanto às crises políticas, alimentando a descrença nas instituições democráticas, quanto ao desempenho econômico. A característica de juventude que foi identificada nos resultados também está em sintonia com o perfil autoritário observado por Foa e Mounk (2016) em países ocidentais desenvolvidos.

## **7. Referências bibliográficas**

- ALMOND, Gabriel A. e VERBA, Sidney. *The civic culture: political attitudes and democracy in five nations*. Princeton (NJ): Princeton University Press, 1963.
- BARRY, Brian. *Economists, sociologists and democracy*. Chicago: The University of Chicago Press, 1978.
- BOIX, Carles. *Democracy and redistribution*. Nova York: Cambridge University Press, 2003.
- CROUCH, Colin. *Post-democracy*. Cambridge: Polity Press, 2004.

- DIAMOND, Larry; HARTLYN, Jonathan; LINZ, Juan J.; e LIPSET, Seymour Martin (orgs.). *Democracy in developing countries: Latin America*. Boulder: Lynne Rienner, 1989.
- DIAMOND, Larry e MORLINO, Leonardo. The quality of democracy: an overview. *Journal of Democracy*, v. 15, n. 4, p. 20-31, 2004.
- DIAMOND, Larry. Facing up to the democratic recession. *Journal of Democracy*, v. 26, n. 1, p. 141-155, 2015.
- FOA, Roberto Stefan e MOUNK, Yascha. The democratic disconnect. *Journal of Democracy*, v. 27, n. 3, p. 5-17, 2016.
- \_. The signs of desconsolidation. *Journal of Democracy*, v. 28, n. 1, p. 6-15, 2017.
- FUKUYAMA, Francis. Why is democracy performing so poorly? *Journal of Democracy*, v. 26, n. 1, p. 11-20, 2015.
- GUNTHER, Richard; DIAMANDOUROS, P. Nikiforos; PUHLE, Hans-Jürgen (orgs.). *The politics of democratic consolidation*. Baltimore (MD): Johns Hopkins University Press, 1995.
- HAIR JR., Joseph F.; BLACK, William C.; BABIN, Barry J.; e ANDERSON, Rolph E. *Multivariate data analysis*. Essex: Pearson, 2010.
- HOWE, Paul. Eroding norms and democratic deconsolidation. *Journal of Democracy*, v. 28, n. 4, p. 15-29, 2017.
- HUNTINGTON, Samuel P. *The third wave: democratization in the late 20th century*. Norman (OK): University of Oklahoma Press, 1991.
- INGLEHART, Ronald e WELZEL, Christian. *Modernization, cultural change, and democracy: the human development sequence*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- INGLEHART, Ronald F. How much should we worry? *Journal of Democracy*, v. 27, n. 3, p. 18-23, 2016.
- KAGAN, Robert. The weight of geopolitics. *Journal of Democracy*, v. 26, n. 1, p. 21-31, 2015.
- LEVINE, Daniel H. e MOLINA, José Enrique. La calidad de la democracia en América Latina: una visión comparada. *América Latina Hoy*, v. 45, p. 17-46, 2007.
- LEVITSKY, Steven e ROBERTS, Kenneth M. Latin America's "left turn": a framework for analysis. In LEVITSKY, Steven e ROBERTS, Kenneth M. (orgs.). *The resurgence of the Latin American left*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, p. 1-28, 2011.
- LEVITSKY, Steven e WAY, Lucan. The myth of democratic recession. *Journal of Democracy*, v. 26, n. 1, p. 45-58, 2015.
- MAINWARING, Scott e PÉREZ-LIÑÁN, Aníbal. Nivel de desarrollo y democracia: el excepcionalismo latinoamericano (1945-1996). *América Latina Hoy*, v. 36, p. 189-248, 2004.

- MOISÉS, José Álvaro. Cultura política, instituições e democracia: lições da experiência brasileira. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 23, n. 66, p. 11-43, 2008.
- MOUFFE, Chantal. *The democratic paradox*. Londres: Verso, 2000.
- MOUNK, Yascha. O povo contra a democracia: por que nossa liberdade corre perigo e como salvá-la. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- NORRIS, Pippa (org.). *Critical citizens: global support for democratic government*. Oxford: Oxford University Press, 1999.
- \_. *Democratic deficit: critical citizens revisited*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.
- NORRIS, Pippa e INGLEHART, Ronald. Cultural backlash: Trump, Brexit, and authoritarian populism. Nova York: Cambridge University Press, 2019.
- O'DONNELL, Guillermo; SCHMITTER, Philippe C.; e WHITEHEAD, Laurence (orgs.). *Transitions from authoritarian rule: comparative perspectives*. Baltimore (MD): Johns Hopkins University Press, 1986.
- PLATTNER, Marc F. Is democracy in decline? *Journal of Democracy*, v. 26, n. 1, p. 5-10, 2015.
- PRZEWORSKI, Adam e LIMONGI, Fernando. Modernization: theories and facts. *World Politics*, v. 49, n. 2, p. 155-183, 1997.
- PRZEWORSKI, Adam; ALVAREZ, Michael; CHEIBUB, Jose Antonio; e LIMONGI, Fernando. *Democracy and development: political institutions and well-being in the world, 1950-1990*. Nova York: Cambridge University Press, 2000.
- PUTNAM, Robert D. Bowling alone: America's declining social capital. *Journal of Democracy*, v. 6, n. 1, p. 65-78, 1995.
- \_. *Comunidade e democracia. A experiência da Itália moderna*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.
- REMMER, Karen L. The rise of leftist-populist governance in Latin America: the roots of electoral change. *Comparative Political Studies*, v. 45, n. 8, p. 947-972, 2012.
- SCHMITTER, Philippe C. Crisis and transition, but not decline. *Journal of Democracy*, v. 26, n. 1, p. 32-44, 2015.
- SMITH, Peter H. *Democracy in Latin America. Political change in comparative perspective*. Nova York: Oxford University Press, 2005.
- STREECK, Wolfgang. *The crises of democratic capitalism*. *New Left Review*, n. 71, p. 5-29, 2011.
- WELZEL, Christian e DALTON, Russell. From allegiant to assertive citizens. In WELZEL, Christian e DALTON, Russell (orgs.). *The civic culture transformed: from allegiant to assertive citizens*. Nova York: Cambridge University Press, p. 282-306, 2014.